Pontos de Interrogação
Revista de Crítica Cultural

CC BY-SA

ISSN: 2237-9681
Recebido: 18/04/2023
Aprovado: 10/06/2023
doi 10.30620/pdi.v13n1.p13

PALAVRAS QUE SANGRAM: O FEMINICÍDIO EM *MULHERES EMPILHADAS*, DE PATRÍCIA MELO

Carlos Wender Sousa Silva
Elen Cristina Geraldes

Resumo: Este artigo pretende discutir alguns dos desdobramentos e respostas da literatura brasileira contemporânea diante da realidade feminicida brasileira. Neste sentido, a partir do romance *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo, é discutido de que maneira a misoginia e o machismo podem se traduzir em violência contra a mulher. Para isso, parte-se da noção de *homo violens* (DANDOUN, 1998) e de um protótipo do termo violência (MICHAUD, 1989) como tentativa de explicar alguns dos desencadeamentos dessa categoria. A partir de Pierre Bourdieu (2019), aponta-se a assimetria da relação entre homens e mulheres como um dos elementos fundamentais à produção de violências contra a mulher e como a violência simbólica não deve ser compreendida em oposição à violência concreta. Analisa-se, então, alguns elementos da estrutura sociopolítica e histórica patriarcal brasileira responsáveis pelas diversas manifestações de violência contra a mulher que perpassam os espaços público e privado. Consequentemente, discute-se de que forma essa estrutura de silenciamento e de opressão do corpo e da voz feminina se dá nessa narrativa literária. O objetivo deste artigo é, assim, abordar algumas das possibilidades de leitura a respeito dessa temática e apontar a literatura contemporânea como uma abertura para compreender esse quadro de violência sistêmica contra a mulher.

Palavras-chave: Literatura. Violência. Feminicídio. *Mulheres empilhadas*. Patrícia Melo.

Abstract: This article aims to discuss some of the unfolding and responses of contemporary Brazilian literature before the brazilian reality of femicide. In this sense, from the novel *Mulheres empilhadas* (2019), by Patrícia Melo, it is discussed how misogyny and sexism can result in violence against women. For this, it starts from the notion of *homo violens* (DANDOUN, 1998) and a prototype of the term violence (MICHAUD, 1989) as an attempt to explain some of the triggers of this category. Starting from Pierre Bourdieu (2019), the asymmetry of the relationship between men and women is pointed out as one of the fundamental elements to the production of violence against women and how symbolic violence should not be understood in opposition to concrete violence. Then, it is analyzed some elements of the Brazilian patriarchal sociopolitical and historical structure, which are responsible for the several manifestations of violence against women that permeate public and private space. Consequently, it is discussed how this struc-

ture of silencing and oppression against the female body and voice occurs in this literary narrative. The objective of this article is to approach some of the possibilities of reading on this theme and to point out the contemporary literature as an opening to understand this framework of systemic violence against women.

Keywords: Literature. Violence. Femicide. *Mulheres empilhadas*. Patrícia Melo.

1. Introdução

Na atualidade, existe uma estrutura sociopolítica, econômica e cultural moldada pelo neoliberalismo que tem imposto inúmeras formas de violência institucionais-públicas que, consequentemente, atingem o âmbito privado das nossas vidas e interferem na constituição de nossas subjetividades como seres humanos. O neoliberalismo produz determinada estrutura social excludente que resulta, majoritariamente, em desigualdades econômicas, culturais, políticas e sociais. Esse mesmo sistema molda um cenário coletivo onde se apresentam como forças antagonistas, de um lado, o grupo dominante e hegemônico, do outro, os grupos dominados e minoritários. A violência fundante do neoliberalismo contemporâneo produz desigualdade, mas não somente. Ela acentua e reorganiza tantas outras manifestações de violência presentes na nossa sociedade, inclusive, aquelas que advêm de estruturas sócio-históricas anteriores à própria consolidação do neoliberalismo como sistema que controla todos os âmbitos da vida e não somente o econômico.

Essas relações entre dominantes e dominados se refletem sobre as diversas minorias presentes na sociedade, impondo parâmetros e expectativas de opressão, silenciamento e violência que se tornam, por fim, a normalidade nas estruturas sociopolíticas e econômicas contemporâneas. Esses grupos minoritários podem sofrer diferentes formas de violência, exclusão e censura, uns mais, outros menos, a depender dos nossos deslocamentos geográficos e temporais. Aqui, nos detemos sobre como a literatura brasileira contemporânea tem se posicionado diante de um desses desdobramentos da violência, esse exercido contra a mulher. Assim, procuramos percorrer uma

discussão que se volte para a ideia de violência na contemporaneidade como um fator que tem, no presente, reorganizado as diversas frentes coletivas e individuais de uma comunidade política. Tendo em vista esses aspectos, nossa intenção é construir um estudo crítico do romance *Mulheres empilhadas* (2019) a partir de alguns pensadores e pensadoras que têm analisado a ideia de violência na atualidade.

2. Violência e ficção: projeções da literatura sobre uma realidade desconstituída

No romance *Mulheres empilhadas*, lançado em 2019, a violência contra a mulher é o eixo central de construção da narrativa. Um livro impactante e sintomático da violência de gênero no Brasil. A narrativa representa e denuncia a violência, a dominação e o controle do homem sobre a mulher como algo inerente à estrutura patriarcal e misógina da nossa sociedade. Para leitores homens *cis*, é ainda um texto incômodo, que gera certo desconforto na medida em que coloca a figura masculina na posição de um possível agressor ou feminicida, não porque ele de fato o seja, mas porque a figura do homem na sociedade brasileira é, por si só, um potencial agressor, abusador e estuprador. É isso também que a narrativa mostra. E esse agressor e violentador não tem idade, classe social, etnia nem grau de formação. O feminicida não tem face, pode ser qualquer um a nossa volta.

> A grande massa operária de assassinos, digo, a maioria, tem que aprender o ódio, antes de sair matando por aí. Meu pai aprendeu muito bem. Nada mais fácil do que aprender a odiar as mulheres. O que não falta é professor. O pai ensina. O Estado ensina. O sistema legal ensina. O mercado ensina. A cultura ensina. A propaganda ensina. Mas quem melhor ensina, segundo Bia, minha colega de escritório, é a pornografia (MELO, 2019, p. 88).

É exatamente essa face perversa da figura masculina e da estrutura social patriarcal que *Mulheres empilhadas* (2019) traz para a narrativa literária. Nesse texto, é representado o ódio que define boa parte dos homens da nossa

sociedade. O desejo da figura masculina de dominar e controlar a mulher é uma das manifestações de violência mais sintomáticas nas relações humanas, quando pensamos no passado ou no presente. Observemos, então, a construção da narrativa em *Mulheres empilhadas* (2019). A escritora Patrícia Melo se valeu de múltiplos recursos, levantamentos e pesquisas a respeito da violência contra a mulher no Brasil para se servir desses elementos factuais no seu processo criativo. Em nenhum momento, o romance deixa de ser uma narrativa ficcional. Contudo, ela nos coloca diante da realidade de violência contra a mulher na medida em que nós, leitores e críticos, contamos com recursos que nos permitem fazer essa transição entre texto ficcional e realidade sócio-histórica. Assim, o romance não assume qualquer pretensão de assumir o lugar de uma mulher que é assediada, espancada ou assassinada em um cenário cruel de violência de gênero como o nosso, mas tão somente se valer das possibilidades de leitura que o elemento estético oferece, entre eles, tomarmos consciência da nossa própria realidade e do lugar social que podemos assumir diante de um cenário catastrófico como o representado.

Nesse romance, a experiência traumática de violência de gênero testemunhada pela narradora-personagem ainda na infância funciona como um fator que determina toda a sua atuação agora na vida adulta e, consequentemente, é determinante na forma como a narrativa é conduzida. Toda a narrativa é construída a partir da experiência de violência pessoal da narradora-personagem. Vamos nomeá-la como narradora-personagem porque a narrativa é contada a partir de sua perspectiva e porque ela participa diretamente dos eventos que se sucedem no texto. O pai dela assassinou a mãe quando ela ainda era pequena. Essa experiência traumática se tornou uma espécie de bloqueio na vida da narradora-personagem, provocando fissuras na sua própria concepção de si e do mundo que ela constrói a partir de um processo contínuo de ressignificação de sentidos e de relações. Entretanto, com a experiência que ela passa a ter com outras vítimas de violência de gênero e com familiares de vítimas de feminicídio, pouco a pouco, a narradora-personagem consegue recuperar, reestruturar e superar a história pessoal de violência contra a mulher. Ela ressignifica o seu próprio trauma e o femini-

cídio por ela testemunhado serve como parâmetro para analisar todos esses outros observados agora, já na vida adulta. Ela conhece Amir, um homem mais velho, divorciado. Ambos são advogados e participam das mesmas rodas sociais. Numa festa entre colegas de profissão, esse personagem que até então era, para ela, um "delicioso parceiro sexual, um homem atlético, culto, cheio de humor" (MELO, 2019, p. 11), com ciúmes, a agride fisicamente com um tapa no rosto. Ela passa a se questionar como um homem educado, sedutor e com alto grau de instrução acadêmica podia agredi-la daquela maneira. Como um homem que tinha feito doutorado em Wittgenstein e praticava ioga podia lhe enfiar a mão na cara. Entretanto, ela também sabia que "as estatísticas mostram que isso é comum. E que muitos não se contentam em apenas dar um tabefe. Preferem mesmo é matar" (MELO, 2019, p. 17).

Mulheres empilhadas (2019) é um romance dividido em capítulos que traz no início de cada um o registro de um feminicídio real. Essas notas vêm acompanhadas do nome e da idade das vítimas, além de algum fato marcante do feminicídio. O que percebemos é que os assassinos podem ter diferentes laços e vínculos com a vítima. Pode ser o marido, o ex-marido, o namorado, o ex-namorado, o irmão, o pai, o vizinho, um amante ou mesmo um desconhecido. Porém, os levantamentos demonstram que, na grande maioria das vezes, feminicida e vítima tinham algum vínculo familiar-afetivo. Em muitos casos, o agressor e assassino é bom pai ou bom filho, tem profissão e endereço, tem religião, joga futebol ou bebe com os amigos, vai à universidade e à igreja, frequenta diversos espaços artísticos e culturais. Às vezes, esse agressor vota, exerce sua cidadania, para no semáforo vermelho, dá banho no cachorro ou coloca água para o gato, faz a compra do mês.

> Profissão do acusado: Militar. Eletricista. Servente de pedreiro. Lavrador. Funcionário público. Estudante. Matar mulheres é um crime democrático, pode-se dizer. Eu fazia minhas próprias tabelas que, no futuro, transformariam aquelas estatísticas em mais estatísticas. Grau de instrução do acusado: Semianalfabeto. Superior completo. Analfabeto. Nível universitário. Grau de relação com a vítima: Marido. Namorado. Amante. Ex-amante. Irmão. Cunhado. Padrasto. Em apenas cinco casos, o assassino não conhecia a vítima (MELO, 2019, p. 20).

Habitualmente, o agressor e feminicida enxerga a mulher como propriedade, como sua posse e domínio. Ele se vê, inclusive, no direito de decidir sobre a vida e a morte da vítima. O assassino de Rayane Barros de Castro, por exemplo, caso mencionado no romance, enviou a seguinte mensagem para a vítima antes de matá-la: "Vou viver a minha vida, mas você não vai viver a sua" (MELO, 2019, p. 18). O romance não nos deixa esquecer desde o início que matar mulher no Brasil é como matar qualquer outro animal que se cria para o abate. Xingamentos, ofensas verbais e psicológicas, facada, tiro, asfixia, todas essas são características da violência de gênero. Todos esses são métodos utilizados diariamente, em todos os cantos do país, para agredir, silenciar, oprimir e matar uma mulher.

A violência exercida contra a mulher é o resultado extremo da sobreposição dominante e desigual do homem em relação à mulher, a qual advém da estrutura misógina e machista histórica, cultural e social que orienta a maior parte das relações humanas. Inseridos desde o início nessa estrutura patriarcal, na qual o homem é colocado como o chefe da família e da casa, ele toma para si a última palavra, ele manda e é servido. É nesse cenário, algumas vezes por meio de gestos e práticas sutis, que a desigualdade e a violência de gênero se constituem. Pensar então a noção de violência na contemporaneidade passa por compreender os seus desdobramentos e suas consequências sobre os diversos grupos sociais mulheres, negros, imigrantes, trabalhadores etc. que por ela são atingidos. A violência tem sempre esse caráter de exercício do poder sobre o outro, muitas vezes de forma desproporcional e injustificável.

Na atualidade, a violência se apresenta de diferentes maneiras. Violência de gênero, racismo, intolerância religiosa, genocídios e extermínios são algumas delas. No Brasil, podemos destacar, além da violência de gênero, as violências advindas das altas taxas de criminalidade, do tráfico de drogas e de armas, da ação truculenta da polícia, do poder paraestatal de milícias em muitos pontos críticos de grandes centros urbanos, o extermínio da população negra que é resultado, na maioria das vezes, desses movimentos, o genocídio exercido sobre as comunidades indígenas, a discriminação contra a população LGBTQIA+. Poderíamos continuar situando alguns outros desdobramentos

da violência sistêmica-institucional. Mas esses exemplos acima já nos ajudam neste estudo. Essas práticas atingem diferentes níveis de concretização na sociedade, pois vão desde uma ofensa, agressão verbal, psicológica ou simbólica, passam pelos discursos de ódio e de intolerância, e vão até os porões de tortura da atualidade, os genocídios, o terrorismo, as guerras. Superar esse quadro sociopolítico é um desafio para o nosso tempo. Como, então, pensar essa noção de violência no presente?

Em *A violência* (1989), o filósofo francês Yves Michaud procura desenhar um protótipo dessa noção de violência, revelando sua natureza. Seja na concepção de Michaud, seja na de outros estudiosos do tema, as ideias de força e potência delineiam nossa compreensão a respeito do que é a violência. Nesse sentido, podemos pensá-la como uma prática ou ação que, exercida por meio de um interesse de poder, dominação ou controle, coloca o outro numa posição subalterna em relação ao agente que se vale dos recursos da violência. A manifestação da violência, como dissemos acima, não se dá unicamente a partir do uso da coação, da força física ou simbólica, mas igualmente por meio de mecanismos mais sutis de dominação e de controle. Por exemplo, o neoliberalismo impõe na contemporaneidade um conjunto de práticas políticas e econômicas que criam relações desiguais em todos os âmbitos da vida humana. Logo, uma força se vê acima de uma outra que detém menos recursos ou ferramentas de uma determinada área ou campo da sociedade. Isso ocorre nas relações econômicas e também nas sociais, políticas, culturais e geográficas. E, consequentemente, acabam adentrando outros campos da vida privada: a sexualidade, as relações de gênero, a religião e as relações étnicas, por exemplo.

> Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (1978, p. 20, *apud* MICHAUD, 1989, pp. 10-11).

As relações de privilégio socioeconômico, cultural, de gênero, sexual são algumas das ferramentas centrais desencadeadoras de diferentes manifestações de violência. O neoliberalismo introduz, dentro das relações públicas e

privadas contemporâneas, elementos determinantes não só de como será nossa conduta, mas igualmente quem deterá as ferramentas e os meios de dominação e em que grau isso se dará. Os conceitos foucaultianos de poder disciplinar e de biopoder[1] nos ajudam a pensar esses elementos. Na atual conjuntura socioeconômica, o neoliberalismo cria pré-condições e expectativas que devemos todos necessariamente alcançar. Não são, entretanto, pré-condições que pensam nem se voltam para a coletividade como um todo, mas parâmetros impostos em prol dos interesses do próprio sistema neoliberal, que é, por natureza, excludente e violento. Estabelecidas essas expectativas, somos conduzidos a exercer um autocontrole e o controle do outro, construído pelas instituições que organizam as relações humanas como um todo. Essas instituições políticas, econômicas, sociais, culturais, educacionais, religiosas, entre outras, "operaram, também, como fatores de segregação e de hierarquização social, agindo sobre as forças respectivas tanto de uns como de outros, garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia" (FOUCAULT, 1988, p. 133).

A violência produzida pelo neoliberalismo atualiza outras violências estruturais e históricas da ação humana. No livro *Sobre a violência* (2018), Marilena Chaui demonstra que historicamente a violência se opõe à ética, pois, por meio dessa relação entre dominante e dominado, o indivíduo colocado numa posição subalterna ou inferiorizado é reduzido à condição de instrumento ou de objeto do agente dominante. A violência se traduz, ainda, como um ato irracional, injustificável e inumano de quem a pratica. "O agente ético é pensado como *sujeito ético*, isto é, como um ser racional e consciente que sabe o que faz, como um ser livre que decide e escolhe o que faz, e como um ser responsável que responde pelo que faz" (CHAUI, 2018, p. 29). O agente que se manifesta por meio da violência, ao contrário, se impõe a partir do exercício do medo e da intimidação, da opressão e da censura, da ameaça e da retaliação, da força e do terror. Ele se vale de mecanismos que não são éticos ou

[1] Para o filósofo francês, biopoder é uma ferramenta de governar e de controlar a vida cujo objetivo é organizar a população para criar indivíduos "úteis" economicamente. Essa utilidade só persiste em prol e para o próprio sistema econômico. A noção de biopoder está vinculada aos conceitos de disciplina – o governo dos corpos dos indivíduos – e de biopolítica – a estrutura estatal que controla a população – (FOUCAULT, 1988).

racionais, sob qualquer que seja a ótica. Logo, o indivíduo que se impõe a partir da violência não pode ser considerado ético, assim como seus referencias de humanidade e de racionalidade passam a ser questionados na medida em que sua ação restringe a liberdade do outro, ação não justificável. É o que acontece, por exemplo, com homens que ameaçam, agridem, estupram ou assassinam mulheres pela simples condição de serem mulheres.

Analisada a partir de uma orientação ética ou humanitária, qualquer discriminação de gênero que tem por objetivo reduzir ou anular o lado violentado não se justifica, tampouco pode ser defendida ou incentivada. Uma análise e uma conduta ética, ao contrário, condena toda manifestação de violência, da mais branda àquela mais irracional e inumana. Da violência objetiva à violência subjetiva (ŽIŽEK, 2014), qualquer prática humana que tente animalizar, reduzir ou anular o outro deve ser combatida por meio das ferramentas políticas, sociais, educacionais, culturais e discursivas das quais dispomos. Entender os desdobramentos da violência sistêmica e da violência simbólica, ou violência objetiva como define Slavoj Žižek (2014), nos ajuda no processo de compreensão e de posicionamento contrário à violência subjetiva, ou seja, aquela que se distância ou se torna anormal em relação ao estado das coisas. O que o filósofo esloveno denomina como violência subjetiva abrange desde a "violência física e direta (extermínio em massa, terror) à violência ideológica (racismo, incitação ao ódio, discriminação sexual)" (ŽIŽEK, 2014, p. 24). Logo, a violência contra a mulher também está nesse grupo. Vejamos, então, como a literatura brasileira contemporânea tem reagido a esse quadro social e político de violências contra a figura feminina.

3. A violência contra a mulher: das estatísticas ao romance

Nossa proposta é justamente pensar essa violência subjetiva a violência de gênero , na contemporaneidade, como um desdobramento das violências sistêmica e simbólica. E, ainda, pensar o presente processo de naturalização da violência contra a mulher como um aspecto que caracteriza o *homo violens* (DANDOUN, 1998), ou seja, esse sujeito que se impõe e se projeta por

meio do uso de recursos violentos, excludentes e anuladores das individualidades e subjetividades, como também da dignidade e da liberdade de quem se torna alvo e vítima. Na atualidade, o *homo violens* se caracteriza por não reconhecer a alteridade das outras pessoas. Em geral, as minorias são o principal alvo desse sujeito. Conjuntamente com esse aspecto, questionamos como a literatura pode se valer de seus recursos estéticos para, então, se introduzir nesse contexto como uma ferramenta discursiva que procura ao mesmo tempo representar essa realidade cruel e desumana e se colocar como uma produção literária artística . Mais uma vez, tomamos como referencial o romance *Mulheres empilhadas* (2019). Uma vez que se trata de uma produção literária, o que a literatura pode nos oferecer para além das construções estilísticas e retóricas próprias dela? Como pode um romance como esse da escritora Patrícia Melo nos orientar política e socialmente? Provavelmente, as respostas para essas questões não estejam neste artigo. Aqui, levantamos algumas possibilidades, buscamos alguma alternativa em comum que possa nos conduzir para proposições coletivas mais humanitárias, igualitárias e éticas.

Em *Mulheres empilhadas* (2019), no escritório de advocacia onde a narradora-personagem trabalhava, a sócia-majoritária elabora um projeto jurídico para que sua equipe acompanhe julgamentos de feminicídios e levante dados por todo o país de casos de violência contra a mulher. A narradora-personagem é escolhida para ir a Cruzeiro do Sul, cidade acreana, para assistir a alguns julgamentos e colher informações e estatísticas por lá. Ela faz um levantamento sobre feminicídios a partir do sistema judiciário do Acre. Ao chegar à cidade, no quarto do hotel, ela recebe contínuas mensagens de Amir questionando por que ela o tinha bloqueado no telefone, ele se defende e a acusa de infantil. Comumente, para o agressor, a vítima se faz de vítima, ela é exagerada, é culpada, é infantil. A mulher é sempre culpada por insinuar, manipular, dissimular e por "não se dar o respeito". Essa é a imagem recorrentemente atribuída à mulher vítima de violência doméstica e de gênero. No seu quarto, a narradora-personagem revive o tapa dado pelo ex-namorado, sente com a mesma intensidade e a mesma dor os dedos do personagem correrem pelo seu rosto. Uma sensação de impotência, de incredulidade e de raiva toma

conta de si. Ser agredida por um homem após ter testemunhado o próprio pai matar a mãe quando ainda era criança era demais para ela.

Já no tribunal, a narradora-personagem assiste ao primeiro caso de assassinato de mulher. O primeiro julgamento assistido por ela era o de Txupira, adolescente da aldeia Kuratawa, estuprada, torturada e assassinada por um trio de jovens universitários, "filhinhos de papai". Janina, irmã da vítima, serenamente, depõe. Txupira teve as mãos amarradas, um dos assassinos pegou uma faca, ela foi pendurada num gancho do celeiro da fazenda do pai de um dos assassinos. "E foi assim que eles acabaram estuprando, torturando e matando Txupira. Mas a ideia não era matar. Nem estuprar. Foi sem querer. Ele até pensou em oferecer dinheiro para Txupira, coitada" (MELO, 2019, p. 37). O corpo da menina foi encontrado boiando num rio, mãos amarradas, mamilos extirpados e cacos de vidro dentro do seu útero. O romance coloca o leitor diante dessas imagens de violências extremas, que provocam desconforto, mas que, infelizmente, não se limitam às narrativas ficcionais.

De volta ao hotel, Amir insiste em contatá-la por meio de sucessivas mensagens. Diz que não consegue trabalhar, que só pensa nela, que não é aquela pessoa violenta que levou sua mão ao rosto da vítima, que é amigo, companheiro e namorado. Que perdeu a cabeça. Mas, diferentemente de muitas mulheres, a narradora-personagem sabe que o tapa que levou é apenas uma fase anterior ao que pode vir depois: espancamento, tortura e mais violência, até a mulher ser assassinada. Ela sabe disso porque tem acesso à informação, lê os livros, os jornais, os autos dos processos. Ela é uma pessoa que domina as ferramentas de produção e de difusão de conhecimento. Ela compreende como as coisas funcionam na realidade. Logo, embora não esteja mais protegida do que outras mulheres a sua volta, ela conhece os recursos que a permitem identificar mais rapidamente um agressor e se afastar dele. A independência econômica e a autonomia psicológica e existencial da narradora-personagem contribuem para que ela não precise nem fique refém desse homem para nada.

Enquanto ela estava no Acre, Amir se aproxima da avó da narradora-personagem. Ele diz que ela tinha terminado com ele porque tinha medo de assumir uma relação séria, ou seja, não reconhece que a agressão dele é o

motivo do término. Além disso, a avó da narradora-personagem conta a Amir a história de violência doméstica sofrida pela mãe da neta, assassinada pelo marido, pai da narradora-personagem. Essa era uma história que ela guardava para si e pensava talvez um dia revelar a Amir. Mas isso era antes dele se revelar um agressor. A neta, então, se sente na obrigação de contar à avó que o ex-namorado era uma ameaça. Elas sabiam que o feminicida nem sempre se revela como um sujeito agressivo no dia a dia.

Já de volta ao julgamento da vítima Txupira, em um dado momento, Robson, advogado dos réus, se dirige ao júri e questiona: " Pensem bem, por que diabos esses senhores, de boas famílias, bem apessoados, com namoradas lindas, com um futuro brilhante à sua frente, sequestrariam, torturariam e matariam uma mulher?" (MELO, 2019, p. 51). Quando, na verdade, a realidade dos feminicídios nos mostra que nem sempre o agressor e assassino é uma pessoa violenta no dia a dia. Sim, muitas vezes, o feminicida é uma pessoa de boa família, um bom aluno, um bom pai, um sujeito de boa índole, um indivíduo "bem-apessoado", cuida bem do cachorro ou do gato. O feminicida não é de uma classe social específica, nem de uma etnia, nacionalidade, idade ou formação profissional. Ele participa de todos os grupos sociais. Está na vizinhança, no nosso trabalho ou na universidade. Ele janta num mesmo restaurante ao nosso lado, vai a um mesmo evento, divide um ônibus ou avião. O feminicida, infelizmente, é parte da nossa estrutura social misógina e patriarcal.

No romance e na nossa sociedade, a mulher morre por contrariar o homem por não ter abaixado o volume do rádio, por ter uma foto de biquíni no celular, por não querer mais manter o relacionamento, por ter sido promovida no trabalho. Na maioria dos casos, muitas vezes bêbados, os homens "tinham perdido a cabeça ou tinham defendido sua honra ou tinham agido em legítima defesa". Essas são sempre as razões que justificam essa violência. Após duas semanas acompanhando julgamentos em Cruzeiro do Sul, a narradora-personagem conclui:

> Essa foi a conclusão a que cheguei na minha segunda semana no tribunal: nós, mulheres, morremos como moscas. Vocês, homens, tomam porre e nos matam. Querem foder e nos matam. Estão furiosos e nos matam.

> Querem diversão e nos matam. Descobrem nossos amantes e nos matam. São abandonados e nos matam. Arranjam uma amante e nos matam. São humilhados e nos matam. Voltam do trabalho cansados e nos matam.
> E, no tribunal, todos dizem que a culpa é nossa. Nós, mulheres, sabemos provocar. Sabemos infernizar. Sabemos destruir a vida de um cara. Somos infiéis. Vingativas. A culpa é nossa. Nós que provocamos. Afinal o que estávamos fazendo ali? Naquela festa? Àquela hora? Com aquela roupa? Porque afinal aceitamos a bebida que nos foi oferecida? Pior ainda: como não recusamos o convite de subir até aquele quarto de hotel? Com aquele brutamontes? Se não queríamos foder? E bem que fomos avisadas: não saia de casa. Muito menos à noite. Não fique bêbada. Não seja independente. Não passe daqui. Nem dali. Não trabalhe. Não vista essa saia. Nem esse decote. Mas quem disse que seguimos as regras? Vestimos minissaias. Decotes que vão até o umbigo. E shorts enfiados no cu. Abusamos. Entramos em becos escuros. Temos nossas bocetas ligadas na tomada. Extrapolamos. Trabalhamos o dia inteiro. Somos independentes. Temos amantes. Gargalhamos alto. Sustentamos a casa. Mandamos tudo para o caralho. O curioso é que não matamos (MELO, 2019, p. 72).

E, entre casos e casos de feminicídios, a narradora-personagem vai compondo as estatísticas e o seu caderno de mulheres empilhadas, ou seja, os registros de mulheres assassinadas por homens. "Não importa onde você esteja. Não importa sua classe social. Não importa sua profissão. É perigoso ser mulher" (MELO, 2019, p. 75). Os métodos e as formas de violência contra a mulher presenciados pela narradora-personagem são diversos. Essa forma de violência, em geral, não ocorre repentinamente. Os dados mostram isso. Os casos observados pela narradora-personagem na narrativa também. Primeiro, o homem conquista a mulher. Muitas vezes se apresenta como alguém educado e cavalheiro. Somente depois vem o tapa, o espancamento... e, finalmente, o assassinato.

A narrativa demonstra que o homem habitualmente enxerga a mulher como sua posse ou propriedade. Inclusive, em muitos casos, essa autotutela de ver a mulher como propriedade o leva a decidir sobre a vida ou a morte dela. As formas de violência, de dominação e de controle também são diversas. Vão desde ofensas verbais, humilhação e violência psicológica até uso de armas brancas e armas de fogo, tortura e assassinato. O domínio do homem

sobre a mulher se constrói de inúmeras formas e nos diferentes espaços das vidas social e privada. Pierre Bourdieu (2019) analisou diversos aspectos dessa dominação e controle masculinos. "Às mulheres são negadas como sujeitos da troca e da aliança que se instauram através delas, mas reduzindo-as à condição de objetos, ou melhor, de instrumento simbólicos da política masculina" (BOURDIEU, 2019, p. 77). *A dominação masculina* (2019) discute a dimensão propriamente simbólica da dominação masculina, constituída por meio de relações assimétricas entre os sexos, nas quais o homem se sobrepõe em relação à mulher, e firmada a partir das organizações políticas e jurídicas, espaços historicamente destinados aos homens.

> Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2019, p. 12).

Em *Problemas de gênero* (2020), Judith Butler também analisa a constituição de parâmetros da relação binária entre homens e mulheres, além das estruturas de poder que determinam as possibilidades e limites da relação entre o sujeito e o outro, visto aqui a partir de uma perspectiva dos gêneros e sexos. Butler nos convida a pensar não uma teoria feminista, mas diferentes feminismos que se diferenciam na medida em que dizem respeito a diferentes comunidades políticas, formadas também por diversos processos históricos, jurídicos, culturais e políticos.

> Em primeiro lugar, devemos questionar as relações de poder que condicionam e limitam as possibilidades dialógicas. De outro modo, o modelo dialógico corre o risco de degenerar num liberalismo que pressupõe que os diversos agentes do discurso ocupam iguais posições de poder e falam apoiados nas mesmas pressuposições sobre o que constitui "acordo" e "unidade", que seriam certamente os objetivos a serem perseguidos (BUTLER, 2020, p. 40).

Embora a filósofa se volte mais atentamente para as questões de gênero, sexualidade e do que é o feminino, as estruturas de poder masculina e heterossexual, e algumas das violências daí resultantes, não deixam de ser aspectos importantes de reflexão na obra da autora estadunidense. Essa dominação masculina precisa ser, inclusive, interpretada em relação às diferentes formas de dominação e de violência presentes na sociedade.

A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo o modo a "especificidade" do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a "identidade" como tornam equívoca a noção singular de identidade (BUTLER, 2020, p. 22).

Essas formas de dominação, especialmente a dominação e a violência exercida contra a mulher, ganham destaque quando ocorrem no âmbito doméstico das relações entre homem e mulher. Entretanto, é necessário observar que essas estruturas de violência e dominação se dão mediadas por construções sociais nos diferentes espaços públicos de formação e socialização do ser humano escola, igreja, política, jornalismo, etc. . As diversas dimensões da violência se estabelecem a partir das estruturas históricas de dominação masculina, a qual pode estar presente até mesmo nos mecanismos e ferramentas dos quais nos valemos para atuar ou construir uma análise. Pensar essas formas de dominação é repensar a nossa própria posição e conduta na sociedade, uma vez que a nossa experiência no mundo social é moldada pelas condições assimétricas e arbitrárias de divisão construídas para limitar diferentes grupos: homens x mulheres; heterossexuais x homossexuais; ricos x pobres; brancos x negros; cristãos x ateus/outros grupos religiosos minoritários. E é essa experiência orientada que se projeta sobre a constituição dos diferentes discursos, ideologias e condutas éticas e morais.

> A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a

> dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres (BOURDIEU, 2019, p. 24).

Em *Mulheres empilhadas* (2019), a narradora-personagem enfatiza e denuncia em diversos momentos o papel atribuído à mulher na nossa sociedade. Para os padrões patriarcais e misóginos da nossa realidade, a mulher deve respeitar o homem. Esse respeito tem a ver com submissão e redução das suas vontades, seus desejos, seus anseios, seus projetos, seus interesses, em relação a todos aqueles da figura masculina. O corpo da mulher é objetificado. É entendido unicamente como um objeto de prazer sexual do homem. À figura feminina é, ainda, atribuído o papel de mãe, de cuidar dos filhos, de cuidar da casa, de limpar, lavar e cozinhar. Como se o homem também não fosse pai e não tivesse responsabilidades com a criança. Como se o homem também não desorganizasse a casa, não precisasse de roupa lavada e de comida pronta. O homem pode até reconhecer todas essas necessidades da vida humana. Porém, em muitos casos, ele atribui à mulher o papel e a responsabilidade de servi-lo na vida privada e socialmente, além de satisfazê-lo sexualmente.

Historicamente, a diferença biológica e a diferença anatômica entre homens e mulheres serviram como justificativa natural para as desigualdades de gênero. A virilidade masculina se manifesta como um elemento ligado à constituição do homem e se reafirma por meio de manifestações de potência sexual e força física que se impõem nos espaços compartilhados socialmente. "As manifestações (legítimas ou ilegítimas) da virilidade se situam na lógica da proeza, da exploração, do que traz honra" (BOURDIEU, 2019, p. 39). O sociólogo francês demonstra que a imposição masculina sobre o corpo da mulher se dá desde uma relação sexual assimétrica, na qual o homem e a mulher não partem das mesmas compreensões de uma relação, como "também porque o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de "posse"" (BOURDIEU, 2019, p. 40). A ordem masculina se inscreve em todos os espaços coletivos e privados das relações humanas, da vida

pública à vida privada, das divisões sociais do trabalho aos sentidos de uma relação sexual, da instituição do casamento aos usos e significados machistas de uma roupa ou acessório.

> [...] a submissão feminina parece encontrar sua tradução natural no fato de se inclinar, abaixar-se, curvar-se, de se submeter (o contrário de "pôr-se acima de"), nas posturas curvas, flexíveis, e na docilidade correlativa que se julgava convir à mulher (BOURDIEU, 2019, p. 52).

Pierre Bourdieu demonstra que a compreensão da violência simbólica não minimiza ou reduz a importância e abrangência da violência física contra as mulheres, ou seja, a violência simbólica não pode ser entendida como oposta à violência real e efetiva. Ela é, antes, produto da experiência subjetiva das relações de dominação que levam, em muitos casos, à violência física como justificativa de uma dominação, ideologia e ideal. Logo, o tapa, o espancamento, o estupro são violências também constituídas a partir daquelas violências simbólicas e, talvez, primárias que formam os diferentes coletivos. Essas manifestações de violências refletem a própria constituição histórica da humanidade, na medida que se legitimam constantemente como mecanismos de dominação. Bourdieu (2019) segue essa linha de pensamento ao defender que não é possível visualizar as estruturas de dominação como a-históricas, mas como "[...] produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado" (BOURDIEU, 2019, pp. 63-64).

Na narrativa de Patrícia Melo (2019), embora tivesse participado de diversos julgamentos de feminicídio naqueles dias, a narradora-personagem destaca que a repercussão maior estava em torno do caso de Txupira, mas não porque os jornalistas e a imprensa se preocupassem com o direito à vida negado à garota indígena, ao contrário, uma vida indígena não tem valor, ela é reduzida a nada na nossa sociedade.

> E indígena, no nosso sistema de castas, cujo topo é dominado por ricos e brancos, fica abaixo de preto, que está abaixo de pobre, que está

> abaixo de mulher. A vida dos indígenas, no nosso sistema de castas, tem o mesmo valor que a vida dos loucos em hospícios ou das crianças que ficam paradas em semáforos pedindo esmola. Estamos cagando para os nossos índios. O que a imprensa gosta, de verdade, é de assassinos. Sobretudo quando eles são brancos e ricos, como Crisântemo. Ou, ao menos, da classe média. Branca, claro. Esses são tratados como estrelas. De certa forma, eu me sentia parcialmente responsável pelo sucesso de Crisântemo e seus comparsas como heróis trágicos de Cruzeiro do Sul (MELO, 2019, p. 76).

Na noite anterior à sentença sobre o caso da jovem indígena, a narradora-personagem avistou na cozinha do hotel em que estava hospedada, reunidos, o advogado dos réus e os jurados do caso em questão. Estavam confraternizando. Ela fotografou a cena. No dia seguinte, o júri inocentou os três acusados por insuficiência de provas e, só depois, a narradora-personagem conseguiu entregar a foto à promotora do caso, Carla. A promotora rapidamente levou a foto à imprensa. O corpo da jornalista que divulgou o caso e acusou os três jovens assassinos foi encontrado morto horas depois. Rita tinha se metido com criminosos e assassinos. Todos sabiam que "os três rapazes pertenciam a famílias importantes, gente que estava no poder desde que o Acre foi anexado ao Brasil, gente acostumada a resolver os problemas à bala" (MELO, 2019, p. 84). Gente acostumada a exercer o domínio e o controle onde o poder estatal não chega ou é ínfimo.

Carla também fala da sua atuação no fórum defendendo mulheres vítimas de violência de gênero. Os casos são complexos e delicados, mesmo quando se trata de uma injúria ou lesão corporal leve, por exemplo, porque violência contra a mulher faz parte da nossa estrutura social. Muitas vezes, não é tão simples para a mulher apenas se separar ou torcer para que ele seja condenado. Há uma dependência social, econômica e psicológica dela em relação a ele que, em muitos casos, acentua a violência e a torna recorrente, levando o homem a cometer crimes e agressões mais graves. Carla afirma num dado momento:

> A coisa não acaba nunca. É como enxugar o chão com a torneira aberta. Sai uma mulher miserável, entra outra. Meu trabalho é basicamente lidar com uma fila interminável de mulheres ferradas disse.

> No intervalo dos julgamentos, elas vêm falar comigo. Estão cheias de culpa. Muitas ainda amam os homens que denunciaram. Querem retirar a denúncia, querem acabar com o processo, mas a lei não permite. "Eu e ele já resolvemos tudo", elas me dizem, "não dá para encerrar o processo?" Eu explico que não é possível, elas ficam putas comigo. Se o cara já está preso, elas sofrem porque os filhos estão longe do pai. Sofrem porque se sentem vulneráveis. Sofrem porque querem manter a família. Sofrem porque estão sem grana. Sofrem porque não têm dinheiro nem para visitar o marido na prisão. E se têm, sofrem nas filas de espera, horas e horas debaixo de sol, de chuva, para depois serem humilhadas pelos agentes nas revistas íntimas. Hoje consegui reverter a prisão em flagrante de um babaca que tinha desfigurado o rosto da namorada em prisão preventiva. Achei que a moça ia ficar feliz, e ela só faltou me agredir: "Eu não queria que ele ficasse preso", disse ela. Perguntei: o que você queria? "Que ele parasse de me bater", ela respondeu. "Só isso." (MELO, 2019, pp. 131-132).

Além disso, Carla relata a pouca eficiência e a lentidão do Poder Judiciário e do Poder Público em geral nos casos de violência doméstica. Diz que, embora a Lei Maria da Penha não seja ruim, ela não consegue resolver tudo. Afirma que dar o mesmo peso para homicídio e injúria, briga de casal e tentativa de homicídio, não ajuda na maioria das vezes. E ainda, há a precarização dos serviços essenciais da assistência jurídica. No romance, um exemplo dessa precarização é que Carla precisa trabalhar sem seu assistente. Com isso, ela fica sobrecarregada e tem reduzida a sua capacidade de atender a todas as mulheres vítimas de violência.

> Quando cheguei aqui disse , eu tinha dois. Depois de seis meses, o Estado me tirou um. E agora estou sem nenhum. Eram três juízes. Agora só temos um. Eram três defensores. Agora só temos um. O Estado vai nos tirando tudo. Nem café temos mais. E o trabalho só aumenta. Às vezes julgamos vinte casos num dia. Vinte. Outras comarcas julgam esse montante numa semana (MELO, 2019, p. 132).

Com os inúmeros casos levantados que vão dando volume ao seu caderno de mulheres empilhadas, a narradora-personagem traça um perfil do homem agressor, do potencial feminicida enraizado na estrutura da sociedade.

> Afinal, aquela terceira e última semana do mutirão fizera o favor de me dar um retrato fumegante do tipo de homem que dá tapa na cara de uma mulher. Um tipo que considera uma relação afetiva como uma espécie de licença para matar. Um tipo que acredita que colocar o lixo na rua é o máximo que ele pode fazer por você, que está exausta. Você, que trabalhou oito horas fora de casa, limpando, organizando, esfregando, dirigindo, operando, educando, fazendo o diabo. E que, em casa, cozinhou, lavou, passou e pôs as crianças na cama. Eu vi tudo isso no tribunal. Antes do tapa, ofensas verbais. Vagabunda. Preguiçosa. Puta. Com Helena foi assim. Com Marta, idem. Cala a boca, vadia. Biscate. Vaca. O tapa é um divisor de águas. Ele inaugura a fase da pancadaria. Empurrões. Socos. Todo tipo de golpes (MELO, 2019, p. 86).

Existem diversas formas de exercer o domínio e o controle sobre o corpo da mulher. O tapa e o feminicídio já revelam a gravidade e o alto grau de violência na qual uma relação desigual entre o homem e a mulher se encontra. Mas existem igualmente outras formas de violência mais sutis. O assédio, a agressão verbal e psicológica são etapas que antecipam ou sugerem uma abertura para um grau mais elevado dessa violência.

> Saiba que os chutes também fazem parte dessa fase que tem início com o tapa no rosto. Eles gostam de chutar sua barriga, suas pernas, seu rosto no momento em que você já está caída no chão, sem forças. Para você aprender, eles dizem. Avisam: se você for embora, eu acabo com sua vida. Mato seus pais. Mato nossos filhos. Só depois, quando deixa de ser divertido usar as próprias mãos e pés para espancar e chutar, é que vem a fase em que eles pegam a panela de pressão, a faca, o fio do aspirador em pó ou qualquer outro objeto resistente, pesado ou pontudo, qualquer coisa que queime, perfure ou comprima para colocar um ponto final na vida de suas namoradas. Esposas. Companheiras. Amantes. Vi tudo com meus olhos. As provas eram contundentes: fotos, vídeos, gravações de câmeras de segurança. Eu estava ali, no tribunal (MELO, 2019, p. 87).

A narradora-personagem chega à seguinte conclusão ao assistir ao caso de mais um feminicida. "Antes de matar, antes de espancar, antes de esmurrar e antes de dar o primeiro tapa, muito antes disso tudo, Wevi foi um príncipe. Como Amir" (MELO, 2019, p. 87). Muitos dos assassinos alegam problemas psiquiátricos, problemas com bebida, adultério, mas a verdade é

que "eles matam porque gostam de matar mulheres" (MELO, 2019, p. 88). E o que esse romance nos ajuda a compreender também é que a maioria dos homens não nasce assassina. Essa é uma construção social baseada no ódio e na misoginia presentes na nossa própria estrutura social na qual os homens veem as mulheres como uma propriedade deles. À mulher é negado um lugar de cidadã, de sujeito de direitos e garantias, ela é rejeitada como ser humano e se torna um objeto da dominação do homem.

> Você é como o carro dele. O celular dele. A casa dele. O sapato dele. Ele é o senhor do engenho. Você é a escrava. Ele é o fazendeiro. E você, o gado. Ele é o proprietário. E você, o produto. E seu casamento, seu namoro, seu vínculo são sua desgraça, sua condenação à morte (MELO, 2019, pp. 88-89).

Após ter finalizado o levantamento para o seu trabalho, a narradora-personagem decide não retornar a São Paulo. Não queria retornar a sua cidade sem ver os desdobramentos dos casos de Txupira e de Rita, jornalista que investigava os assassinos da jovem indígena.

> Eu havia tido um trabalho enorme para preparar o relatório final das minhas três semanas de atividade em Cruzeiro do Sul, vinte e oito julgamentos, dezenove condenações, oito absolvições e uma anulação de julgamento por contaminação do júri. Anexei os processos, fotos, comentários, minhas análises e mandei tudo para o escritório num e-mail em que explicava que tínhamos ainda dois casos abertos e de certa forma relacionados que eu pretendia continuar monitorando: o de Txupira e o de Rita (MELO, 2019, p. 104).

Amir decide então ir a Cruzeiro do Sul encontrá-la. Ela o vê e volta a pensar em Amir como a representação masculina dominante, agressora e assassina, na qual se encaixam inúmeros homens.

> Amir, de acordo com a lei, não é fronteiriço. Nem psicopata. Nem *homo constantissimus*. Amir é *homo medius*. Sente ciúmes. Não tolera traição. Nem desobediência. Nada o desabona. Profissional exemplar. Cidadão de bom trato. Eleitor do atual presidente. Palmas para ele (MELO, 2019, pp. 112-113).

Sim, Amir, assim como tantos outros agressores e feminicidas, genocidas, torturadores e milicianos são representados hoje pelo presidente da República no Brasil. Ajudaram a elegê-lo e para esses grupos Jair Bolsonaro molda seu discurso e sua agenda política. Amir é mais um cidadão de bem que estaria ali no gramado da Esplanada, em cima ou ao lado de um carro de som, com roupa e bandeira verde e amarela, se afirmando contra a corrupção e contra "tudo que está aí". Amir representa, na verdade, o ódio e a barbárie. Ele é em si a manifestação de violência presente na nossa sociedade. Sem levá-lo aonde estava hospedada, a narradora-personagem encontrou Amir num restaurante. Ele inicia dizendo que jamais, que nunca mais voltaria a colocar um dedo que fosse no rosto dela. A avó da narradora-personagem liga para Amir e, empalidecido ali mesmo no restaurante ao ouvir o que a senhora falava do outro lado da linha, ele desiste da ideia de ficar um único dia a mais ali naquela cidade.

Mulheres empilhadas (2019) denuncia ao longo de toda a narrativa o papel atribuído à mulher nas nossas estruturas social, política e familiar. A mulher é sempre vista numa posição de submissão e de inferioridade em relação ao homem. Os parâmetros patriarcais e misóginos da nossa sociedade impõem à mulher o controle e o domínio total de seus corpos e mentes. Até mesmo a subjetividade da figura feminina é olhada a partir da posição de subserviente em relação ao homem. A mulher é frágil porque é meiga e doce. Ela precisa de um homem para protegê-la, de si mesma e de outros homens. É interessante observar como essas estruturas de dominação se valem desse discurso patriarcal de proteção à mulher, que justifica que o homem interfira em todos os âmbitos da vida dela. Ou seja, o homem domina a mulher para afirmar que está preservando-a de alguma ameaça ou mal. A narradora-personagem reivindica um outro papel para a mulher na sociedade.

> Para que servem minhas unhas? Para arranhar. E minha boca? Para chupar seu pau. E meu peito? Para amamentar. E minha língua? Para amaldiçoar e futricar. E minhas mãos? Para lavar, cozinhar e passar. Para picar, triturar, amassar e jogar fora. E meu sexo? Para procriar e trair. E minha bunda? Para enfeitar outdoor (MELO, 2019, p. 113).

A mulher é reduzida a um objeto sexual. Ela se limita a servir algum desejo sexual do homem. Ela é mãe e dona de casa. Logo, ela, e unicamente ela, é responsável pelas crianças, por arrumar a casa, cozinhar, lavar e passar. O *status quo* da figura masculina não permite que ele se dobre a essas e outras atividades que supostamente reduziriam sua masculinidade. O homem, contraditoriamente, exprime e simboliza uma autossuficiência que o coloca num patamar social acima do da mulher. Na contemporaneidade, se ela quer trabalhar fora, tudo bem! Mas ela precisa entender que o homem, por ter essa capacidade cognitiva e física maior que a da mulher, ganhará melhores salários. Ela precisa entender que as responsabilidades domésticas e familiares continuarão sendo dela. A dupla-jornada foi uma escolha dela. É assim que nossa estrutura machista concebe o lugar da mulher nas vidas social e pessoal.

Em *Mulheres empilhadas* (2019), a narradora-personagem está tão envolvida com aqueles casos de feminicídios que constrói em seu imaginário uma outra estória, paralela à narrativa principal. Entre alguns capítulos, há trechos literários com outra estrutura física no próprio livro espaçamento, negrito, formato da letra , os quais são identificados no início com títulos de letras do alfabeto grego: Alfa, Beta, Gama, Delta, Épsilon, Zeta, Etá. Num deles, a narradora-personagem imagina um lugar onde se encontra com as vítimas de feminicídios, entre elas, Txupira. Ali são todas designadas como guerreiras. Não é permitida a participação de homens. Lá, elas decidem o que irão fazer com os agressores e assassinos dessas mulheres, iniciando pelos da jovem indígena. Elas se reúnem sempre em torno da Mulher das Pedras Verdes, uma espécie de guia, acolhedora e orientadora de todas elas. A Mulher das Pedras Verdes é uma representação ficcional que resulta da própria imaginação da narradora-personagem. Num dado momento, essa guia e orientadora intervém:

> É fato que os homens têm impulso de agressão, todos temos, mas os homens, bem, eles são... hum... pense num reservatório de agressão: a cada vez que os homens recebem um não, a cada vez que alguém (e principalmente uma mulher) lhes desobedece, a cada vez que brigam no trânsito, a cada vez que perdem as eleições, a cada vez que perdem status, a cada vez que perdem uma aposta, um jogo, dinheiro, a cada vez que tomam um porre, a cada vez que são reprimidos, a cada vez que dão com os

> burros n'água, a cada vez que broxam, a cada vez que rimos deles, a cada vez que são rejeitados, o reservatório enche mais um pouco. E então eles levam mais um esporro do chefe, o time deles perde o campeonato outra vez, a moeda deles perde valor, o carro da frente lhes dá uma fechada, o amigo deles recebe aumento, todo esse sentimento de contrariedade é mais lenha na fogueira, toda essa energia vai sendo socada no reservatório da agressão, que vai enchendo, enchendo, aquilo vai ficando cheio de agressividade represada, e aquela agressividade precisa ser periodicamente descarregada, para não implodir o reservatório ou mesmo matar o reservatório de ataque cardíaco. Então vem o descarrego. As portas se abrem. Toda aquela lamagressão vai para cima de quem? Das mulheres. Matar mulheres é a válvula de escape do mono-ódio dos protomachos. Claro que estou falando em termos gerais. Uma parte dos protomachos orienta sua lama contra homossexuais, imigrantes, transexuais, negros, pobres, mas a maioria, a grande maioria, foca todo o seu ódio na mulher. O protomacho é monoagressivo. Por isso foram banidos do nosso paraíso. Já o nosso ódio serve para muitas coisas. Estamos aqui para discutir: o que fazemos com nosso ódio? (MELO, 2019, pp. 124-125).

No que a narradora-personagem prontamente responde sobre os abusos e as violências praticadas diariamente contra as mulheres na nossa sociedade, a dupla-jornada, a desigualdade salarial, a discriminação de gênero, a objetivação e sexualização de seus corpos, e outras inúmeras restrições às suas liberdades:

> Ué respondo , lá de onde eu venho, posso dizer que estamos fazendo o diabo. Batemos recordes diariamente. Comandamos grandes instituições, fazemos cronogramas ordenadores do futuro, montamos esquemas, morremos como mosquitos, ganhamos menos que os homens, compomos o plenário, prestamos queixas na delegacia, participamos de maratonas, fazemos dietas horríveis, dietas não humanas, operamos máquinas, nos separamos, comemos mal, preparamos cronogramas tão intrincados quanto as sinfonias de Beethoven, topamos subempregos, limpamos o submundo, nos dividimos em quatro, ficamos esquálidas, picamos e cozinhamos, morremos de medo, nos aliamos aos nossos inimigos, nos traímos, nos multiplicamos por mil, lavamos banheiros, somos assassinadas, passamos fome, temos amantes, choramos no colo da nossa mãe, somos traídas, somos escravas na nossa própria casa, traímos, separamos, casamos de novo, vivemos com medo, contamos nossa tragédia para o

> delegado (riem na nossa cara) e comandamos grandes esquemas. Grandes operações. Nós, mulheres, altamente especializadas, altamente exploradas, altamente domésticas, somos totalmente estressadas. Nós trabalhamos dezoito horas por dia. Dezoito horas por dia é a nossa jornada de trabalho. Sempre com medo. Trabalho duro. Em casa e lá fora. Limpando a sujeira. Organizando. Revidando. Esquematizando. Apanhando. Arrumando gavetas. Engravidando. Dirigindo. Passando e lavando. Agimos com eficiência. Isso coloca os homens num dilema. É uma questão de tempo. Vamos ocupar todos os lugares. Vamos tirá-los de lá. Do centro. Vamos colocá-los ao nosso lado (MELO, 2019, pp 125-126).

Nessa narrativa paralela, a narradora-personagem participa de rituais, entra em contato com elementos da natureza daquela região. Participa de refeições e danças tradicionais daquela comunidade. Frutos, bichos, rituais e características daquele contexto geográfico e cultural são trazidos para a narrativa. Após decidirem matar os assassinos de Txupira, essas mulheres saem voando pela região e começam a se deparar com a nossa realidade distópica. À medida que avançam para as regiões mais urbanas, notam de forma mais acentuada o extermínio e o genocídio dos povos indígenas, a exploração e devastação de matas, florestas e rios. A miséria, a fome, a pobreza e toda forma de opressão e de desigualdade. Parece ser um movimento de dentro para fora, daquilo que ainda resta preservado para o cenário caótico e devastado onde todos nós vivemos.

> E saímos voando pela mata escura, descendo aqui, subindo ali, voando por sobre as copas, em voos circulares como urubus, planando no coração da floresta, é lá embaixo, a mata pulsando, e águas correndo, em grande volume, e plumas e pelos e dentes afiados, e animais ferozes e presas, uns caçando, outros sendo caçados, uns comendo e outros sendo comidos, gente humilde, gente com fome, aldeias pobres e outras mais pobres ainda. Tem ouro? Tem, tem sementes mortas, tem soja, tem gado, tem seca, tem agrotóxico, tem gente ruim, e voamos mais baixo, sentindo a brisa no rosto, a fumaça das queimadas, ai, que tristeza, e ali uma área desmatada, e outra área desmatada e depois ainda, o maior dos desmates, e então vastas áreas queimadas, algumas só desmatadas, outras só queimadas, e ricas fazendas, muita soja, muito gado, e aqui uma motosserra, um trator, uma escavadeira, outra serra, ai, que medo,

> madeeeeeeira tombando, cai uma árvore e caem dez e caem cem e caem duas mil, e ali, invasores, e ali, garimpeiros, ai, que desgraça, e ali se abre um aeroporto clandestino, voamos mais rápido, não aterrissamos, e outro aeroporto clandestino ali, logo ali, e mais britadeiras, tratores, escavadeiras, ai, que medo, e gente que cava, e gente que queima a mata, ai, que triste, e mais à frente uma cidade feia, e abaixo outra cidade feia, a beleza ficou toda lá longe, em outro lugar, lá atrás, no coração da floresta, e embaixo de nós, só há quintais tristes, dívidas, engarrafamentos, desemprego, enchentes, inércia, escolas abandonadas, povos abandonados, fumaça negra, museus abandonados, bibliotecas abandonadas, ai, que desânimo! E aproveitamos o vento que sopra, alcançamos as alturas e, mesmo assim, mesmo com a nuvem negra que cobre a cidade, ainda conseguíamos ver homens de terno, lá embaixo, ai, que vontade de vomitar, voamos mais baixo, quanta gente burra e gente escrota e gente escrota-pra-caralho, ai, que horror, "olha a baía da Guanabara", digo, e planamos mais adiante, perto de São Paulo, sobre uma estrada cheia de curvas e poucas roças, curvas à direita e à esquerda, e mais curvas, e assim rodopiamos, rumo às montanhas (MELO, 2019, pp. 174-175).

A narrativa vai fazendo esse movimento de dentro para fora e pouco a pouco nos deparamos com um cenário distópico onde encontramos a mesma miséria e devastação. Somos levados para o que ainda resta de esperança e futuro e voltamos para a realidade agressiva, autoritária e violenta que se impõe de forma bárbara e rápida. Na narrativa, esse movimento, que ocorre algumas vezes dentro do texto, se traduz como o deslocamento da narradora-personagem entre a realidade cruel e violenta por ela representada e esse mundo criado num outro âmbito do seu imaginário, onde pode se reunir com essas mulheres, se juntar a um órgão coletivo de defesa e superar a barbárie e a crueldade daquele outro mundo onde homens exercem sobre os corpos dessas mulheres todas as formas de dominação. Esses deslocamentos parecem se estabelecer como um ponto de refúgio, um local onde essas mulheres podem ser ouvidas, podem falar, um espaço onde elas confraternizam, lutam e resistem. Nessa narrativa imaginária secundária, construída dentro da narrativa central, a morte de Txupira é vingada.

Esse movimento realizado dentro da narrativa simboliza um movimento semelhante que nós, leitores e críticos, temos de fazer. Olhar de dentro

para fora e de fora para dentro. Olhar o que já foi destruído, olhar cada mulher a mais assassinada, olhar cada indígena a mais explorado e expulso, cada árvore a mais cortada pela raiz, cada rio a mais poluído pelas mineradoras, cada corpo a mais soterrado pela lama e cada peixe a menos nessas águas. Se voltar para fora e olhar cada corpo a mais torturado, cada nova vítima de racismo ou xenofobia, cada novo indivíduo de uma minoria oprimido, silenciado ou assassinado. Esse deslocamento nos permite sair do campo ficcional e adentrar às raízes autoritárias, reacionárias e fundamentalistas do nosso presente. E pouco a pouco parece que vamos caminhando para o caos. A barbárie se estabelece como agenda política, econômica, cultural e social. Nós, críticos e leitores, percebemos esse movimento e somos convidados a tomar alguma atitude. Saímos, ainda que temporariamente, do conforto das nossas casas para encarar essa realidade distópica, genocida e excludente à nossa volta.

Além da violência contra a mulher, *Mulheres empilhadas* (2019) aponta alguns dos problemas históricos vivenciados por comunidades indígenas daquele contexto específico. O isolamento, a expulsão, a violação de direitos e o genocídio desses povos. Crimes e problemas ambientais e sanitários, entre outros, esses são alguns dos elementos tecidos pela narrativa de forma secundária, tendo em vista que a narradora-personagem concentra o seu interesse pessoal em torno da solução do caso da jovem indígena Txupira. Seringalistas, madeireiros, garimpeiros e, atualmente, de forma acentuada, o agronegócio agiam e agem em prol dos seus interesses exploratórios e escravizam, expulsam e dizimam diversos povos nativos. Na nossa realidade brasileira, o Ibama e as unidades da polícia que investigam e atuam em relação a esses crimes são hoje sucateados e amordaçados pelo próprio presidente da República. Genocídio dos povos indígenas, desmatamento e exploração de terras protegidas e de grupos sociais, tortura e opressão, todas essas manifestações de violência sempre estiveram presentes de uma maneira ou de outra na realidade brasileira.

A especificidade do presente é que, em pleno século XXI, o principal representante político do Brasil hoje flerta com essas violências abertamente. Lideranças políticas, militares, econômicas, entre outras, assumem discursos e práticas de exercício ou consentimento da violência em prol da manutenção

e da expansão de seus domínios. Porque o que estamos argumentando aqui é justamente que a violência não se limita àquela desencadeada pelo contrabando de armas ou tráfico de drogas, mas igualmente e de maneira mais grave pelo uso do próprio aparato estatal para exercer formas de dominação, controle, exploração e devastação de pessoas e de recursos naturais.

Na narrativa, a narradora-personagem percebe que tinha recebido novamente inúmeras ligações de Bia, do escritório em São Paulo. Ela retorna a ligação. Denise que a tinha demitido elogia o trabalho realizado por ela em Cruzeiro do Sul e a informa que o escritório tinha recebido alguns vídeos íntimos dela. Nua. Fazendo sexo. Imediatamente a narradora-personagem conclui que isso só poderia vir de Amir. Denise completa afirmando que defenderia o caso dela *Pro bono*, quer dizer, em nome do bem público. E destaca que as portas do escritório permaneceriam abertas caso ela quisesse voltar a trabalhar na equipe. A narradora-personagem conclui consigo mesma que foi nesse telefonema que entendeu o que significava sororidade. Ela, então, olha o material enviado por Denise.

> Numa das fotos eu estava sentada no vaso sanitário, nua, cortando as unhas do pé direito. Sem calcinha. De todas, essa era a única que fora feita com meu consentimento. [...] As outras foram feitas sem minha anuência. Cenas da gente transando. [...]
> Mais tarde descobri que Amir também enviara as fotos para um site que permitia upload anônimo de material pornográfico. As legendas conseguiam ser ainda piores que as imagens: "Advogada criminal, moderna, sem preconceitos. Adoro sexo grupal." O pior de tudo foi ele ter publicado também o número do meu celular. As mensagens não paravam de pipocar. *Vou chupar você todinha. Gostosa. Putinha linda. Vem aqui na minha casa. Você gosta também de dar o cu? Vem chupar a minha rola* (MELO, 2019, p. 158).

A violência praticada por Amir e as outras que sua atitude gera são tão impactantes que de certa forma é o texto literário que nos permite ter uma dimensão mais exata da dor, do trauma e de todas as violações provocadas contra a narradora-personagem. Amir que não tinha conseguido matá-la fisicamente, a matou virtualmente, conclui a própria narradora-personagem. A

cada comentário que ela lia ficava mais angustiada, soterrada, paralisada e humilhada. A cada insulto, ofensa ou difamação, ela se reduzia moral, psicológica e humanamente. "A morte virtual, de certa forma, é mais perversa que a morte real" (MORAL, 2019, p. 163).

Desde o feminicídio da mãe da narradora-personagem, ocorrido ainda durante sua infância, ela vai rememorando vários outros, executados de diversas formas, em diferentes locais e horários. O motivo e o autor, porém, são sempre um só: o machismo e a misoginia de um homem inserido numa estrutura social patriarcal que coloca a mulher numa posição submissa em relação à figura masculina. O agressor e feminicida conclui desde muito cedo que pode dominar a mulher psicológica e fisicamente. No romance, a narradora-personagem enfatiza que tem uma pilha de mulheres mortas em seu caderno. Essa é, inclusive, uma referência direta ao título dessa narrativa literária. Sabemos, infelizmente, que essa pilha de mulheres mortas não se limita apenas à ficção, elas estão nos jornais e noticiários, nos autos de inúmeros processos, nos livros, nas memórias de familiares pais e mães, filhos e filhas, amigas e amigos, etc. , em cada nova mulher agredida ou assassinada, em cada lugar do Brasil, a cada minuto.

> Algumas de saia, outras nuas, umas sem cabeça, outras sem sapatos, esta magra, aquela velha, esta ricamente vestida, aquela fatiada, esta de Roraima, aquela de Fortaleza, esta casada, aquela solteira, esta de São Paulo, aquela de Ubatuba, esta do Norte, aquela do Sul, esta professora, aquela doméstica, esta branquela, aquela negra, esta negra, aquela negra, esta negra, aquela negra, mais uma negra e outra negra, são muitas, de todas as idades, mais jovens do que velhas, mais pretas do que brancas, e bem no cume, como a cereja do bolo, está Carla (MELO, 2019, pp. 207-208).

Agredir, oprimir e matar uma mulher são práticas comuns na nossa realidade. Esse cenário de violência contra a mulher é trazido para a narrativa literária e criticamente representado na obra de Patrícia Melo. De alguma forma, esse romance se coloca como a manifestação de vozes de inúmeras mulheres que resistem e permanecem vivas para homenagear aquelas já assassinadas ou violentadas e não nos deixar esquecer das milhares de vítimas de femi-

nicídio de ontem, hoje e amanhã. São mulheres que permanecem ocupando os diversos espaços das esferas pública e privada, lutando por igualdade de gênero, liberdade e direito à vida. Elas são muitas e estão por toda parte. Não se deixam ser silenciadas pela máquina machista e feminicida. Não se calam. Não aceitam que digam que elas são apenas o resultado de uma fraquejada do pai misógino. E os homens que se solidarizam com essa reivindicação legítima e necessária, podem e devem estar ao lado dessas mulheres para que elas, em algum momento, conquistem a mesma liberdade e respeito quando saem à noite, quando ficam bêbados numa festa, com o direito de fala. Porque, em todas essas e outras situações, o papel social masculino jamais é reduzido ou apagado pelo simples fato de ser homem. É disso também que fala *Mulheres empilhadas* (2019).

Essa produção literária é, nesse sentido, uma representação ficcional que canaliza a violência, a opressão, o silenciamento e o assédio diariamente imposto sobre a mulher na nossa sociedade. Essa narrativa, para além dos aspectos literários e estéticos do texto em si, assume um importante posicionamento e compromisso social e de representação de um grupo social historicamente violentado. A escritora se serve do seu espaço e das suas ferramentas de criação artística não só para colocar em cena uma estória que envolva seus leitores, mas também para denunciar o machismo, a misoginia e o feminicídio cotidianos. A narrativa nos coloca diante de uma realidade bárbara, mantendo a profundidade e a complexidade do texto literário. A literatura assume aqui uma função dupla, estética e ética-política, para nos colocar diante de práticas de violência e de dominação que, infelizmente, nos anos 2020, são naturalizadas em nossa sociedade. É, sem dúvidas, um texto imprescindível para quem busca uma formação cidadã que reivindique direitos como o de igualdade de gênero e liberdade.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 19ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CHAUI, Marilena. *Sobre a violência*. 1. ed. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

DADOUN, Roger. *A violência*: ensaio sobre o "Homo violens". Tradução de Ana Gomes Soares. Portugal: Publicações Europa-América, LDA., 1998.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1*: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 12ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MELO, Patrícia. *Mulheres empilhadas*. São Paulo: LeYa, 2019.

MICHAUD, Yves. *A violência*. Tradução de L. Garcia. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MICHAUD, Yves. *Violence et politique*. Col. "Les Essais". Paris: Gallimard, 1978.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência*: seis reflexões laterais. Tradução de Miguel Serras Pereira. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.